



RESUMOS > COMUNICAÇÕES

Quarta-feira > 18/10 > 14:00-15:30

Auditório Baesse

Felício Ramalho Ribeiro > Universidade Federal de Minas Gerais

A inarredável interdependência entre sujeito e objeto em Adorno: nuances psicanalíticas

O objetivo de nosso trabalho é estabelecer uma reflexão acerca do intrincamento radical entre sujeito e objeto na filosofia de Adorno, procurando ressaltar aspectos psicanalíticos importantes da questão. Como condição fundamental para a formação da consciência, a objetividade social proporciona meios para a existência do sujeito, para percepção e transformação de si mesma pela atividade dele, que, determinado por um processo de sedimentação da realidade externa em seu interior, demonstra possuir um “núcleo de objeto”. Desse modo, a perspectiva idealista do “prius” do sujeito transcendental constitutivo, sustentada pela ilusão de sua autonomia diante das condições empíricas da realidade com a utilização de formas fixas e invariáveis pela unidade da consciência, revela a falsidade da ideia de uma separação total entre os polos do conhecimento, constituindo, de outro modo, uma reificação de ambos na teoria pela abstração da dinâmica histórica, indispensável para a constituição da concretude da objetividade. Embora a ideia da presença de um núcleo de objeto no sujeito seja tratada por Adorno fundamentalmente do ponto de uma objetividade social, pode ser analisada também a partir de uma perspectiva psicanalítica. Nessa direção, outro momento do vínculo estreito entre sujeito e objeto é a influência enfática das moções pulsionais na atividade da consciência, as quais são elementos fundamentais de sua estruturação. Como fator de alteridade determinante da consciência, o ímpeto pulsional, é percebido por ela como um objeto devido a sua estranheza, ou seja, como algo alheio, todavia, e ao mesmo tempo, interno.

Nossa temática será desenvolvida com base na “Dialética Negativa”, em “Sobre sujeito e objeto” e na psicanálise de Jean Laplanche.

Bruno Almeida Guimarães

> Universidade Federal de Ouro Preto

A dialética do fim da arte em Adorno: repressão e resgate da sensibilidade recalçada

Apesar de Adorno ter tratado predominantemente do problema do “fim da arte” como um processo repressivo de liquidação da arte posto em curso pela dominação da indústria cultural, ele vislumbrou na Teoria Estética uma possibilidade promissora para o conceito de desartificação (Entkunstung). Partindo de uma visão menos pessimista e mais dialética, Adorno teria percebido também a “tendência evolutiva” de uma aproximação crescente entre arte e vida, não exatamente pela exigência de adaptação à experiência e receptividade tradicional do mercado capitalista, mas pela intensificação do abalo da subjetividade constituída através da vivência da não-identidade e possível reconciliação com uma natureza não inteiramente submetida à exploração. Portanto, o objetivo desse trabalho é enfatizar também as possibilidades disruptivas do fim da arte que decorrem, não da simples exigência de rebaixamento da produção artística à compulsão da identidade, mas da elevação da sensibilidade social a uma realidade latente e uma subjetividade criativa. Mais precisamente pretende-se examinar a articulação de duas teses adornianas: a primeira que antecipa o fim da arte em uma sociedade sem classes, devido à superação da tensão entre o real e o possível, e a segunda que já reconhece na forma de arte que conhecemos alguma promessa de felicidade, ao apontar para uma realidade latente que insiste em retornar, na medida em que as obras de arte possuem a “historiografia inconsciente de si mesma de sua época.

Robson Loureiro > Ufes

FELICIDADE, DELEITE E ARTE NA TEORIA ESTÉTICA DE ADORNO: A NEGAÇÃO DETERMINADA DO OBJETO

Deleite pode significar um sentimento de excesso de satisfação. Quem se deleita sente contentamento. Deleite é sinônimo de prazer, gozo ou delícia. É comum afirmar que prazer tem a ver com felicidade. Tendo em vista que o capitalismo se tornou o modo hegemônico de produção social da existência, e que o sistema político dominante é a democracia plutocrática regida pela lógica do capital, neste contexto de mundialização da sociedade administrada pelos conglomerados empresariais, cabe perguntar se a felicidade, tão prometida pela retórica dessa política, não passaria de uma ficção. Se, portanto, não for mesmo mais possível conceber a felicidade no sentido de uma plenificação do estado de bem-estar para o conjunto da sociedade, estaria a arte respaldada para realizar essa função? Na Teoria Estética (TE), Adorno destaca que os consumidores da indústria cultural, ávidos por suas mercadorias, estão aquém da arte e por isso a concebem como inadequada ao processo da vida social, mas não veem a falsidade daquele processo. Para ele, "A felicidade produzida pelas obras de arte é uma fuga precipitada daquilo que a arte se subtraiu; é sempre acidental, mais inessencial para a arte do que a felicidade do seu conhecimento. O conceito de deleite artístico enquanto constitutivo deve ser eliminado". A pesquisa investiga o conceito de deleite/felicidade, tal como exposto na TE e também pretende refletir sobre a possibilidade de existência da arte, na sociedade dominada pela indústria cultural. Por conseguinte, busca responder se, para Adorno, há finalidade na obra de arte. A hipótese investigativa da pesquisa sugere que há, na TE, uma ambiguidade vinculada à negação determinada do objeto, com relação ao tratamento do conceito de felicidade e deleite na arte.